

FRANCISCO BETHENCOURT

Racismos

Das Cruzadas ao século XX

Tradução

Luís Oliveira Santos

João Quina Edições



Copyright © 2013 by Princeton University Press

Todos os direitos reservados. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial desta obra por quaisquer meios, incluindo fotocópia e tratamento informático, sem a autorização expressa dos titulares dos direitos.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Racisms: From the Crusades to the Twentieth Century

Capa

Victor Burton

Foto de capa

Asian peoples, Gustav Mutzél, litografia, 1894

Preparação

Alexandre Boide

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Isabel Cury

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bethencourt, Francisco

Racisms : Das Cruzadas ao século XX / Francisco Bethencourt ; tradução Luís Oliveira Santos, João Quina Edições. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original : Racisms : From the Crusades to the Twentieth Century.

ISBN 978-85-359-3046-7

1. Raça 2. Racismo – História 3. Relações raciais – História 1. Santos, Luís Oliveira. II. Edições, João Quina. III. Título.

17-10467

CDD-305.8009

Índice para catálogo sistemático:

1. Racismo : Relações raciais : Sociologia

305.8009

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para Ulinka

Sumário

<i>Ilustrações</i>	9
<i>Mapas</i>	17
<i>Agradecimentos</i>	19
Introdução	21
PARTE I: AS CRUZADAS	35
1. Das percepções gregas às muçulmanas	37
2. Reconquista cristã	44
3. Universalismo: Integração e classificação	68
4. Tipologias da humanidade e modelos de discriminação	82
PARTE II: EXPLORAÇÃO OCEÂNICA	99
5. Hierarquias de continentes e povos	102
6. Africanos	125
7. Americanos	148
8. Asiáticos	168
9. Europeus	194

PARTE III: SOCIEDADES COLONIAIS	223
10. Classificação étnica	228
11. Estrutura étnica	251
12. Projetos e políticas	281
13. Discriminação e segregação	298
14. Abolicionismo	313
 PARTE IV: TEORIAS DE RAÇA	 339
15. Classificações dos seres humanos	344
16. Racialismo científico	369
17. Darwin e a evolução social	395
 PARTE V: NACIONALISMO E MAIS ALÉM	 419
18. O impacto do nacionalismo	422
19. Comparações globais	457
Conclusões	496
 <i>Notas</i>	 511
<i>Créditos das imagens</i>	575
<i>Índice remissivo</i>	579

Ilustrações

Figura 2.1A	Escultura, de autor desconhecido, de um leão segurando entre as garras uma cabeça barbada virada ao contrário, provavelmente representando muçulmanos derrotados. Catedral de Palermo, sarcófago de Frederico II (anteriormente entalhado, na década de 1140, para Rogério II da Sicília), apoio sudoeste	48
Figura 2.1B	Detalhe da figura 2.1A	48
Figura 3.1	Iluminura representando a rainha de Sabá com longo cabelo louro e pele negra, pintada por mão posterior, em Conrad Kyeser, Códice Bellifortis, fl. 122r (anterior a 1405)	73
Figura 3.2	<i>Adoração dos reis magos</i> , 1444, óleo sobre madeira em retábulo de Mestre dos Painéis, 129 × 86 cm. Painel da esquerda do tríptico, parte inferior do verso. Munique, Alte Pinakothek, n. inv. 1360	76
Figura 3.3	São Maurício negro, c. 1240-50, escultura em calcário de autor desconhecido, 112 cm de altura. Catedral de Magdeburgo	76
Figura 3.4	<i>Jardim das delícias terrenas</i> , c. 1503-4, de Hieronymus Bosch, tríptico, painel central, dimensão total do tríptico 220 × 195 cm. Museu do Prado, n. inv. 2823	77

Figura 4.1	Retrato anônimo de Manuel I Comneno, imperador bizantino (1143-80), e da sua segunda esposa, Maria de Antioquia. Manuscrito iluminado, Biblioteca Apostólica Vaticana, vat. gr. 1176	85
Figura 4.2	Afonso x, “o Sábio”, rei de Castela (1252-84), <i>Cantigas de Santa Maria</i> (1254-79), cantiga 46, cena 1, parte superior, lado esquerdo, segunda fileira. Iluminura em pergaminho de pele representando muçulmanos, cristãos, um africano e um judeu perto da imagem da Virgem Maria e de Jesus. Madri, Real Biblioteca del Monasterio de El Escorial	87
Figura 4.3	Abraão Cresques, <i>Atlas catalão</i> , 1375. Detalhe do Norte da África, com um rei negro e um muçulmano montado num camelo	90
Figura 5.1	Abraão Ortélio, <i>Theatrum Orbis Terrarum</i> . Antuérpia: Apud Ægid. Coppenium Diesth, 1570. Frontispício representando os quatro continentes. Berlim, Staatsbibliothek	104
Figura 5.2	Povo de “Calicute” em <i>O triunfo do imperador Maximiliano I</i> , c. 1517-8, xilogravura de Hans Burgkmair. Museu Britânico	106
Figura 5.3	Hans Weigel, <i>Habitus praecipuorum populorum [...] Trachtenbuch</i> (Nuremberg, 1577), frontispício pintado por Joost Amman, com alegoria dos quatro continentes	110
Figura 5.4	Ilustração da América da série de personificações dos continentes, 1589, de Marten de Vos. Darmstadt, Hessisches Landesmuseum, n. inv. AE440	112
Figura 5.5	Afresco dos quatro continentes, seção sobre a Ásia, teto Salão da Escadaria na Residenz de Würzburg, 1752-3, de Giambattista Tiepolo. Detalhe de um escravo agrilhado, ao lado de um elefante, e representação da Ásia, literalmente desequilibrada	115
Figura 5.6	Escultura em bronze no alto de uma fonte nos Jardins de Luxemburgo, Paris, 1867-74, de Jean-Baptiste Carpeaux. Grupo alegórico de quatro continentes segurando o globo	118
Figura 6.1	Olfert Dapper, <i>Descrição da África</i> . Amsterdam: Wolfgang, Waesberge, Boom, e Van Sommeren, 1686. Gravura de uma cerimônia real no Benim	133

Figura 6.2	<i>Chafariz d'el Rey em Alfama</i> , c. 1560-80, pintura flamenga, óleo sobre madeira de autor desconhecido, 93 × 163 cm. Lisboa, Coleção Berardo. A pintura inclui um cavaleiro negro com o hábito da Ordem de Santiago	135
Figura 6.3	<i>Arrigo peloso, Pietro matto e Amon nano</i> , 1598-9, óleo sobre tela de Agostino Carracci, 97 × 130 cm. Nápoles, Museo di Capodimonte, n. inv. Q369	138
Figura 6.4	<i>Africanos na Guiné</i> , 1511, de Hans Burgkmair, xilogravura executada por Georg Glockendon. Berlim, Staatsbibliothek	140
Figura 6.5	Retrato de Catarina aos 21 anos, 1521, ponta de prata sobre papel de Albrecht Dürer, 20 × 14 cm. Florença, Gabinetto dei Disegni e Stampe degli Uffizi, n. inv. dis. 1060E	140
Figura 6.6	<i>Sileno embriagado</i> , c. 1619-20, óleo sobre tela de Antoine van Dyck, 107 × 91,5 cm. A pintura inclui um negro mostrando a língua a uma branca. Dresden, Gemäldegalerie Alter Meister, Staatliche Kunstsammlungen, n. inv. 1017	141
Figura 6.7	<i>São Martinho curando um possesso</i> , 1630, óleo sobre tela do ateliê de Jacob Jordaens, 432 × 269 cm. A pintura representa um negro segurando um papagaio e rindo ao fundo	143
Figura 6.8	Retrato de Juan de Pareja, 1650, óleo sobre tela de Diego Velázquez, 81,3 × 69,9 cm. Nova York, Metropolitan Museum of Art, n. inv. 1971.86	143
Figura 6.9	Cativo negro transportando o suporte de um vaso, escultura de madeira de Andrea Brustolon, 90 cm de altura. Veneza, Palazzo Ca'Rezzonico, Museo del Settecento	144
Figura 7.1	André Thevet, <i>La Cosmographie universelle</i> . Paris, 1575. Gravura representando o canibalismo	149
Figura 7.2	<i>Adoração dos reis magos, retábulo da Sé de Viseu</i> , 1501-6, óleo sobre madeira de Vasco Fernandes e Francisco Henriques, 131 × 81 cm, n. inv. 2145; P23. Um dos reis magos está representado como um índio brasileiro. Viseu, Museu Nacional Grão Vasco	156

Figura 7.3	<i>Inferno</i> , 1505-30, óleo sobre madeira de autor desconhecido, 119 × 217,5 cm, n. inv. 432 pint. Lúcifer está representado como um índio brasileiro. Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga	158
Figura 7.4A	Cidade de Tenochtitlán, <i>Praeclara Fernandi de Nova Maris Oceani Hispania Narratio</i> . Nuremberg, 1524. Xilogravura. Berlim, Staatliche Museen, n. inv. Mex-d dno 1	160
Figura 7.4B	Detalhe da figura 7.4A. Representação do templo central e dos sacrifícios humanos	160
Figura 7.5	Chefe índio, 1585-93, aquarela de John White, 26,3 × 15 cm. Museu Britânico	165
Figura 7.6	Guerreiro picto segurando uma cabeça humana, 1585-93, aquarela de John White, 24,3 × 17 cm. Museu Britânico	165
Figura 8.1	Sacrifício de indianos, c. 1550, aquarela goense de autor desconhecido, 31 × 44 cm. Roma, Biblioteca Casanetense, ms. 1889, <i>Disegni Indiani</i> , 78-9	173
Figura 8.2	Jan Huygen van Linschoten, <i>Itinerario, Voyage ofte Shipvaert van Jan Huygen van Linschoten naar Oost ofte Portugaels Indien</i> . Amsterdam, 1596, pp. 58-9. Gravura representando o sati — a imolação da viúva de um brâmane	175
Figura 8.3	George Sandys, <i>A Relation of a Journey</i> . Londres, 1615. Página de rosto representando o imperador otomano	182
Figura 8.4	Jan Huygen van Linschoten, <i>Itinerario, Voyage ofte Shipvaert van Jan Huygen van Linschoten naar Oost ofte Portugaels Indien</i> . Amsterdam, 1596, pp. 32-3. Gravura representando mandarins chineses	190
Figura 9.1	<i>Embarque de mouriscos no porto de Vinaroz</i> , 1612-3, óleo sobre tela de Pere Oromig e Francisco Peralta, 110 × 173 cm. Valência, Acervo Bancaja	199
Figura 9.2	<i>Acampamento de ciganos</i> , 1621, gravura de Jacques Callot	217
Figura 10.1	<i>Espanhol e india produzem mestiço</i> , c. 1715, óleo sobre tela de Juan Rodríguez Juárez, 80,7 × 105,4 cm	230
Figura 10.2	<i>Espanhol e mourisca produzem albino</i> , c. 1715, óleo sobre tela de Juan Rodríguez Juárez, 80,7 × 105,4 cm	230

Figura 10.3	<i>Lobo e índia produzem lobo torna atrás</i> , c. 1715, óleo sobre tela de Juan Rodríguez Juárez, 80,7 × 105,4 cm	231
Figura 10.4	<i>Índios bárbaros</i> , c. 1715, óleo sobre tela de Juan Rodríguez Juárez, 80,7 × 105,4 cm	231
Figura 10.5	<i>Quadro de história natural, civil e geográfica do reino do Peru</i> , 1799, óleo sobre tela de Louis Thiebaut, 325 × 115 cm. Madri, Museo Nacional de Ciencias Naturales	238
Figura 10.6	<i>Castas e frutos da terra no México com a Virgem de Guadalupe como padroeira</i> , c. 1750, óleo sobre tela de Luís de Mena, 119 × 103 cm	239
Figura 10.7	Mulher tapuia segurando uma mão decepada e com um cesto contendo um pé decepado, c. 1641, óleo sobre tela de Albert Eckhout, 272 × 165 cm. Copenhague, Coleção Etnográfica, Museu Nacional da Dinamarca, n. inv. N38A2	243
Figura 10.8	Mulher tupi brasileira segurando uma criança, com um cesto na cabeça, 1641, óleo sobre tela de Albert Eckhout, 274 × 163 cm. Copenhague, Coleção Etnográfica, Museu Nacional da Dinamarca, n. inv. N38A4	243
Figura 10.9	Mestiço brasileiro com mosquete e florete (mameluco), 1641, óleo sobre tela de Albert Eckhout, 274 × 170 cm. Copenhague, Coleção Etnográfica, Museu Nacional da Dinamarca, n. inv. N38A5	245
Figura 11.1	Jean-Baptiste Debret, <i>Voyage pittoresque et historique au Brésil</i> . Paris: Firmin Didot et Frère, 1834-9, v. 2, ilustração 6 (litografia). Interior de casa-grande com jovens escravos como bichos de estimação	265
Figura 11.2	Jean-Baptiste Debret, <i>Voyage pittoresque et historique au Brésil</i> . Paris: Firmin Didot et Frère, 1834-9, v. 2, ilustração 5 (litografia). Funcionário do governo com família e escravos	266
Figura 11.3	Jean-Baptiste Debret, <i>Voyage pittoresque et historique au Brésil</i> . Paris: Firmin Didot et Frère, 1834-9, v. 2, ilustração 23 (litografia). Loja de escravos no Rio	267
Figura 11.4	<i>Cena de feira livre no México</i> , c. 1831-4, óleo sobre tela de Johann Moritz Rugendas, 56 × 70 cm. Hamburgo, Hamburger Kunsthalle, n. inv. 3494	269

- Figura 11.5 *Mexicanas prepararando tortilhas*, c. 1834, litografia de Jean-Frédéric Waldeck 270
- Figura 13.1 *Panorama do Zócalo da Cidade do México*, c. 1695, óleo sobre tela de Cristóbal de Villalpando, 180 × 200 cm. A pintura inclui as ruínas da fachada do palácio do vice-rei depois do motim de 1692 (canto superior direito do quadrante central, junto com o mercado) 302
- Figura 13.2 *Panorama de Cochim*, 1635, aquarela de Pedro de Barreto de Resende, em António Bocarro, *Livro das plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental*, Biblioteca Pública de Évora, manuscritos, cxv/2-1. A cidade nativa localizava-se mais ao interior, separada da cidade portuguesa 304
- Figura 13.3 Jacques-Nicolas Bellin, *Le Petit Atlas maritime*. Paris, 1764, v. 3, ilustração 37. Plano de Madras após a reconquista pelos britânicos. A cidade britânica ficava no interior da muralha, separada da cidade indígena ou “negra” 307
- Figura 14.1 Olaudah Equiano, *The Interesting Narrative*. Londres, 1789. Gravura com o retrato do autor 315
- Figura 14.2 Medalhão de jaspe com um escravo ajoelhado, com a inscrição “Não serei homem e irmão?”, de autoria de Wedgwood, para a Sociedade Britânica para Efetuar a Abolição do Comércio Escravagista, 1787. Museu Britânico 316
- Figura 14.3 *A casa da morte*, c. 1795, impressão com arte-final a pena, giz e aquarela de William Blake, 479 × 603 mm. Cambridge, Reino Unido, Fitzwilliam Museum 317
- Figura 14.4 Revolta de escravos em Saint-Domingue, c. 1791, gravura de autor desconhecido 329
- Figura 14.5 Retrato do deputado Jean-Baptiste Belley, negro liberto de Saint-Domingue, na Convenção Nacional, 1797, óleo sobre tela de Anne-Louis Girodet-Trioson, 158 × 113 cm. Museu Nacional de Versalhes 330
- Figura. 15.1 Retrato de Lineu “com trajes lapões”, 1805, gravura de H. Kinsky, segundo o retrato de Martin Hoffman (1737) 340

- Figura 15.2 Petrus Camper, *The Works of the Late Professor Camper on the Connection between the Science of Anatomy and the Arts of Drawing, Printing, Statuary*. Trad. para o inglês de T. Cogan. Londres: C. Dilly, 1794, ilustração 1, p. 32. A ilustração mostra os ângulos faciais e faz uma comparação de crânios de humanos e de símios 354
- Figura 15.3 Charles White, *An Account of the Regular Gradations in Man and in Different Animals and Vegetables*. Londres: D. Dilly, 1799, ilustração 2. A imagem mostra a comparação entre crânios e rostos de seres humanos, macacos e outros animais 356
- Figura 15.4 Charles White, *An Account of the Regular Gradations in Man and in Different Animals and Vegetables*. Londres: D. Dilly, 1799, ilustração 3. A ilustração faz uma comparação entre humanos e macacos, enfatizando a posição intermediária dos negros 357
- Figura 15.5 Julien-Joseph Virey, *Histoire naturelle du genre humain*. 2. ed. Paris: Crochard, 1824, 3 v., livro 1, ilustração 1, p. 58. Litografia com os crânios de Apolo, um georgiano, um negro e um macaco 362
- Figura 15.6 Julien-Joseph Virey, *Histoire naturelle du genre humain*. 2. ed. Paris: Crochard, 1824, 3 v., livro 1, ilustração 2, p. 240. Litografia com mulher hotentote 363
- Figura 16.1 Fotografia anônima de Frederick Douglass aos 38 anos de idade, 1856. 373
- Figura 16.2 Robert Knox, *The Races of Man: A Philosophical Enquiry into the Influence of Race over the Destinies of Nations*. Londres: Henry Renshaw, 1862, p. 193. Representação dos judeus. Cambridge University Library V.20.24 379
- Figura 17.1 Thomas Henry Huxley, *Evidence as to Man's Place in Nature*. Londres: William and Norgate, 1863. Ilustração na página anterior ao frontispício com comparação evolutiva dos esqueletos de símios e de seres humanos 403
- Figura 17.2 William Z. Ripley, *The Races of Europe: A Sociological Study*. Londres: Kegan Paul, 1899. Mapa de raças europeias, baseado no índice cefálico 414

- Figura 18.1 Fotografia após a Noite dos Cristais, novembro de 1938, autor desconhecido. Ridicularização e humilhação dos judeus de Baden-Baden, escoltados pela ss pelas ruas com um letreiro em que se lê: “Deus não nos abandona” 448
- Figura 18.2 Fotografia após a Noite dos Cristais, 10 de novembro de 1938, autor desconhecido. Uma mulher é humilhada nas ruas com um letreiro em que se lê: “Sou uma porca cristã e compro coisas dos judeus” 449
- Figura 18.3 Libertação do campo de Bergen-Belsen por tropas britânicas em 15 de abril de 1945. Franz Hoessler, primeiro-tenente da ss, antigo comandante do campo feminino de Auschwitz-Birkenau, posa junto a um caminhão com cadáveres para um documentário cinematográfico britânico. Fotografia de 24 de abril de 1945 452
- Figura 19.1 Fotografia do linchamento de W. C. Williams, em Ruston, Louisiana, Estados Unidos, 15 de outubro de 1938, autor desconhecido 469

Mapas

Mapa 1.1	Expansão islâmica no Oriente Médio e no Mediterrâneo, 632-750	42
Mapa 2.1	Reconquista cristã da Península Ibérica (722-1492)	53
Mapa 2.2	Estados cruzados na sua maior extensão (c. 1144)	61
Mapa 2.3	Avanços cristãos no Oriente Médio até 1187	63
Mapa 4.1	Rotas da diáspora judaica após a expulsão da Espanha, em 1492	95
Mapa 6.1	Entidades políticas, enclaves e movimentos populacionais na África, 1500-1800	128
Mapa 8.1	Poderio muçulmano no Oriente Médio até 1639	178
Mapa 8.2	Império Qing em 1775 e 1911	188
Mapa 11.1	América colonial em 1763 (após a Guerra dos Sete Anos)	264
Mapa 16.1	Estados Confederados e da União durante a Guerra Civil (1861-5)	370
Mapa 18.1	Partição da Polônia, 1772-95	423
Mapa 18.2	Processo de unificação alemã (1815-71)	425
Mapa 18.3	Novos Estados nos Bálcãs, 1800-1913	432
Mapa 18.4	Expansão nazista na Europa, 1942	450
Mapa 19.1	Mundo colonial ocidental em 1939	458
Mapa 19.2	Territórios independentes desde 1947	460
Mapa 19.3	Alterações territoriais e movimentos populacionais na Europa, 1945-9	462
Mapa 19.4	Expansão japonesa, 1894-1945	486

Agradecimentos

Comecei a trabalhar seriamente neste livro no ano acadêmico de 2004-5 com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2008-9, uma licença sabática concedida pelo King's College de Londres contribuiu para tornar este trabalho possível: vários capítulos foram escritos nesse ano. Sou extremamente grato às duas instituições.

Quero agradecer aos colegas e amigos que aceitaram ler partes do livro: Sir John Elliott, Ludmilla Jordanova, Miri Rubin e Jonathan Steinberg. Anthony Molho e Elizabeth McGrath leram os primeiros esboços de capítulos. De todos eles recebi preciosos comentários e críticas. Os revisores anônimos do manuscrito levantaram importantes questões e assinalaram problemas específicos, que me ajudaram a evitar erros e contribuíram para reforçar o meu argumento. Al Bertrand, diretor europeu da Princeton University Press, revelou-se um apoiador entusiasta deste projeto desde que entrou em contato comigo. A sua visão desempenhou um papel importante neste livro. Finalmente, agradeço a Helen Hancock pela revisão competente do manuscrito original em inglês, que me ajudou a esclarecer muitos pontos ambíguos.

O texto final se beneficiou da discussão de papers que apresentei em diversas universidades, particularmente no seminário de história do mundo na Universidade de Cambridge, no seminário sobre história dos impérios e do mundo no

Institute of Historical Research de Londres, no colóquio Beyond Slavery, organizado pela Universidade de Liverpool, na J. H. Parry Lecture, na Universidade Harvard, no seminário de história moderna da Universidade da Pensilvânia, no seminário de história moderna da Universidade de Oxford, no seminário sobre raças na América Latina da Universidade de Warwick, no seminário de história global do Centro de Londres da Universidade de Notre Dame, no seminário de história medieval e Renascença do University College de Londres, no seminário de pesquisa em humanidades do Wolfson College, de Cambridge, e no seminário de história da Universidade de Manchester. O colóquio que organizei com Adrian Pearce sobre racismo e relações étnicas no mundo lusófono forneceu um espaço de discussão dos mais importantes problemas teóricos. Saliento o extraordinário diálogo com os estudantes dos meus cursos “European Expansion: Civil Rights and Ethnic Prejudices” e “World History: Power and Inequality”. Beneficiei-me de longas conversas com Luiz Felipe de Alencastro, Sir Christopher Bayly, Harald Braun, Peter Burke, Diogo Ramada Curto, Richard Drayton, Rebecca Earle, Felipe Fernández-Armesto, Antonio Feros, María Concepción García Sáiz, Jean-Michel Massing, Joe McDermott, Anthony McFarlane, Kenneth Maxwell, Linda Newson, Maria Lúcia Pallares-Burke, José Pedro Paiva, Pedro Ramos Pinto, Lyndal Roper, Jorge Vala e Peter Wade, que me ajudaram a definir melhor a minha pesquisa.

A elaboração deste livro representou uma longa viagem que coincidiu com a formação da minha família. Ulinka tem sido uma extraordinária companheira, mulher e mãe dos nossos filhos, João e Sophie. Eles me fizeram descobrir a simbiose entre paixão, amor e harmonia. A vida em família tem sido uma bênção para mim; desenvolvi esta pesquisa num ambiente de amor e descontração. Como historiadora, Ulinka fez-me perguntas fundamentais que contribuíram para desenvolver meu argumento e quadro teórico. Por tudo isso, este livro é dedicado a ela. Os meus pais faleceram na fase final de edição e impressão do livro. Ao longo das nossas vidas fomos unidos por forte amor e cumplicidade, que se prolongam para além da morte. Para mim, eles foram exemplo de uma permanente sensibilidade, capacidade de observação, sentido de ajuda, respeito, integridade, confiança, lealdade, perseverança, humor contra a adversidade e enorme prazer de viver que eu trarei sempre dentro de mim.

Introdução

Esta obra rompe com a visão, relativamente consensual, de que a teoria das raças antecedeu o racismo; contesta o atual revisionismo acadêmico, que remonta a invenção do racismo à Antiguidade Clássica; e rejeita a ideia do racismo como fenômeno inato partilhado por toda a humanidade. Meu argumento é de que determinadas configurações de racismo só podem ser explicadas com a pesquisa de conjunturas históricas, que precisam ser comparadas e estudadas no longo prazo. O racismo é relacional e sofre alterações com o tempo, não podendo ser compreendido na sua totalidade através do estudo segmentado de breves períodos temporais, de regiões específicas ou de vítimas recorrentes — negros ou judeus, por exemplo.

O conceito de racismo de que me servirei neste livro — preconceito em relação à ascendência étnica combinado com ação discriminatória — serve de base para essa abordagem de longo prazo, permitindo-nos descrever as suas diferentes formas, continuidades, descontinuidades e transformações. A minha pesquisa se concentra no mundo ocidental, desde as Cruzadas até o tempo presente. Encontramos discriminação e preconceitos étnicos dentro da Europa desde a Idade Média até os dias atuais, e a expansão europeia deu origem a um corpo coerente de ideias e de práticas associadas à hierarquia dos povos de diferentes continentes. Não defendo que a realidade do racismo seja exclusiva dessa zona do globo; a

Europa limita-se a fornecer um cenário relativamente consistente, que será comparado com outras partes do mundo onde se verificou a ocorrência de fenômenos semelhantes.

A presente obra baseia-se, em grande medida, na análise de fontes primárias impressas e visuais, que nos proporcionam novas pistas sobre o passado, servindo-se ainda da interpretação crítica de uma importante e extensa literatura secundária, oriunda de vários campos do saber, acerca do racismo.¹ A hipótese na qual se centra a minha pesquisa considera que, ao longo da história, o racismo na forma de preconceito étnico associado a ações discriminatórias foi motivado por projetos políticos.

QUESTIONAMENTOS

Como é possível que a mesma pessoa seja considerada negra nos Estados Unidos, de cor no Caribe ou na África do Sul e branca no Brasil? Foi esse questionamento que há doze anos me levou a investigar a história do racismo. A arbitrariedade está no cerne da questão, mas a minha formação me obrigava a levar a sério as formas de classificação. As classificações podem moldar o comportamento humano em todos os níveis da sociedade. Neste caso, parecia óbvio que as classificações raciais tinham o poder imenso de escalar os grupos sociais, bem como de impor limitações e oportunidades às populações dos países envolvidos. Consultei os principais estudos sobre racismo de Pierre van den Berghe, Carl Degler e George M. Fredrickson, obras que identificavam claramente percepções raciais comuns e divergentes nos Estados Unidos e no Brasil — como exemplo dessas divergências, nos Estados Unidos, uma gota de sangue africano define um indivíduo como negro, ao passo que, no Brasil, o status de classe média embranquece a tez humana.² Contudo, sentia que tanto os antecedentes históricos como as formas de classificação em constante mudança careciam de uma exploração mais atenta. O atual contraste entre a França e os Estados Unidos é revelador: a classificação racial, vista como reforço dos preconceitos racistas, foi oficialmente abolida pelos franceses, ao passo que, nos Estados Unidos, a classificação racial faz parte de todos os inquéritos burocráticos, em especial no caso de quem pretende entrar no país. Ao mesmo tempo, os afro-americanos apoderaram-se do termo “raça” para usá-lo como expressão de identidade coletiva e como ferramenta

política contra a discriminação. O conceito de classificação racial como uma construção social que servia para justificar hierarquias e monopolizar recursos foi subvertido.

Com o avançar do meu trabalho, fui me dando conta de que o questionamento que o inspirara se baseava apenas na cor da pele; não eram incluídos, por exemplo, os nativos americanos, cujo tom de pele era indiscutivelmente semelhante ao de muitos brancos europeus. Voltei a me sentir enredado nos meandros da classificação. Onde e como se inventara o conceito de pele-vermelha? Como seria possível manter o contraste entre pele negra e branca, considerando a imensidão de gradações, tanto na África como na Europa? Notei ainda que as classificações raciais, formuladas na Europa e nos Estados Unidos dos séculos XVIII e XIX com objetivos científicos, ambicionavam incluir todos os povos do mundo numa disposição relacional sistêmica e hierárquica. Isso ia bem além da simples variação do tom da pele. Teria de associar experiências coloniais concretas à visão global dos povos do mundo. Isso definiu meus questionamentos seguintes: como se produziam os sistemas de classificação racial? Como esses sistemas variavam no tempo e no espaço? Até que ponto moldaram as ações humanas? Como foram as classificações raciais influenciadas pelos conflitos e pelos interesses sociais? Como as hierarquias raciais refletiram os preconceitos e estimularam a ação discriminatória?

Essa lista de questionamentos ainda deixava lacunas na minha investigação. Os judeus, por exemplo, raras vezes foram definidos pela cor da pele, e nem sequer foram incluídos nas muitas teorias de raças desenvolvidas nos séculos XVIII e XIX. Contudo, eles foram o principal alvo de extermínio racial na Alemanha nazista. À luz desse caso devastador de genocídio, o racismo não pode ser compreendido dentro dos limites da história intelectual; as práticas sociais e políticas são cruciais. Foi por isso que decidi estudar o racismo como prática de discriminação e de segregação. Uma vez que tem sido usada tanto para legitimar a intervenção institucional como para justificar a ação informal dos grupos sociais, a classificação racial não pode ser ignorada. Daí ser necessário compreender as práticas, os estereótipos e as ideias classificatórias como aspectos interligados. A classificação depende da percepção que temos dos outros povos do mundo, e para entendê-la é preciso reconstituir-la. Em seguida, expandi minha investigação para outros casos de genocídio, abrangendo os hererós, na Namíbia, e os armênios, no Império Otomano. Percebi que diferentes formas de racismo foram surgindo no tempo e

no espaço, sempre relacionadas com as conjunturas específicas. Eu precisava me afastar de uma perspectiva de racismo linear e cumulativo, o que por sua vez levou a um último e essencial questionamento: em que condições a discriminação e a segregação se transformaram em extermínio racial?

INTERPRETAÇÕES

A ideia de que a teoria das raças antecede o racismo — visão relativamente consensual entre os historiadores — pressupõe que a noção de ascendência étnica se desenvolveu na Europa dos séculos XVIII e XIX de acordo com a teoria das raças, a qual definia a divisão natural da humanidade em subespécies dispostas de acordo com uma hierarquia.³ Segundo essa visão, a teoria das raças tornara-se uma ferramenta importante para criar e justificar a discriminação e a segregação. Tal abordagem atribui a responsabilidade de conflitos étnicos anteriores a antagonismos religiosos, e não a divisões modernas e naturais. Por fim, destaca o uso histórico do termo “raça” em contraste com a criação, no século XX, da palavra “racismo”.

Na minha perspectiva, a classificação não antecede a ação. Embora reconheça o impacto crítico da estrutura científica veiculada pela teoria das raças, o preconceito em relação à ascendência étnica combinado com a ação discriminatória sempre existiu em diversos períodos da história. Os conceitos de sangue e de ascendência já desempenhavam um papel central nas formas medievais de identificação coletiva, ao passo que o moderno antagonismo étnico e racial foi, em grande medida, inspirado nos conflitos religiosos tradicionais. A teoria das raças sempre se viu permeada de pontos de vista diversos, razão pela qual abordarei o tema no plural. Falar de raça antes de racismo implica seguir uma abordagem nominalista — há muitos anos, Lucien Febvre frisou que o conteúdo pode existir antes do nome que o expressa.⁴ Mais à frente analisarei a relevância do vocabulário e explicarei as minhas opções.

O pressuposto de que o racismo é um fenômeno moderno foi posto recentemente em discussão.⁵ Benjamin Isaac contesta a ideia comumente aceita de Frank Snowden, segundo a qual os gregos e os romanos tinham preconceitos contra os bárbaros e contra os negros, embora fossem culturais e não naturais.⁶ Os bárbaros não sabiam falar grego, portanto não tinham noção dos hábitos, das ideias e das regras de comportamento desenvolvidos pelos gregos. Os negros eram

apelidos de “caras queimadas”, o significado original da palavra “etíope” em grego, mas de acordo com Snowden os preconceitos contra a cor da pele não se traduziam em políticas de exclusão social. A divisão entre povos livres e escravos, ou entre os gregos e os bárbaros, era mais importante. Contra essa visão, Isaac desenvolve uma defesa extremamente detalhada da existência de racismo na Antiguidade. Para Isaac, os preconceitos eram produzidos constantemente e estavam bastante disseminados, sendo prejudiciais àqueles que eram suas vítimas. Tal abordagem prova a existência de preconceitos enraizados em relação à descendência coletiva, mas não prova a ação discriminatória consistente e sistemática — o segundo elemento essencial do racismo. No entanto, consegue nos mostrar a importância dos preconceitos, e alguns deles antecipam ideias que os historiadores apontam como tendo nascido no século XVIII. Tais preconceitos eram também instáveis, já que foram aplicados sucessivamente a povos diferentes, acompanhando a variação das conjunturas políticas. Isaac explica como interesses específicos dão forma aos preconceitos que agem ao seu serviço.

A visão da história do racismo numa estrutura historicista (ou compartimentada) foi desafiada por Fredrickson com a sua primeira história geral do racismo no mundo ocidental desde a Idade Média ao século XX, um estudo que, ao estabelecer ligações e evitar anacronismos, se afasta da abordagem que encara o passado em fatias.⁷ Fredrickson distingue o racismo informal, praticado pelos grupos sociais na vida cotidiana, do racismo institucional, patrocinado pelo Estado e assumindo a forma de política oficial, como observado no Sul dos Estados Unidos, na Alemanha e na África do Sul. O autor destaca corretamente o colapso desse racismo institucionalizado entre 1945 e 1994, apesar da persistência do racismo informal. Fredrickson realça ainda a visão racial medieval e do início da era moderna, que colocava o sangue e a ascendência no cerne dos principais preconceitos e ações discriminatórias, com base na informação genealógica. Contudo o autor aceita a ideia estabelecida de que a religião foi essencial para a criação dos preconceitos medievais e do início da era moderna, além das ações discriminatórias, enquanto a ideia de uma hierarquia natural de raças, legitimada cientificamente, veio influenciar as modernas ações políticas.

A minha visão, por outro lado, é a de que as manifestações modernas de racismo, em especial contra os armênios e os judeus, mostram que a separação entre hierarquias religiosas e naturais é muito menos clara do que se costuma afirmar. Além disso, Fredrickson não contestou de forma sistemática a divisão entre